

# Fotos de Família

A CONSTRUÇÃO DA "AUTO IMAGEM" EM DIFERENTES GRUPOS SOCIAIS NA REGIÃO DE CAMPINAS

Juliana Closes Miraldi - Bolsista PIBIC/CNPq/SAE/UNICAMP - Orientadora: Ana Maria de Almeida Fonseca - FE/UNICAMP

Palavras-chave: Fotografia de família; auto-imagem; fronteiras sociais

A pesquisa investigou, numa perspectiva comparativa, a construção da auto-imagem em diferentes grupos sociais, procurando entender como as percepções, de si mesmo e dos outros, se configuram em ferramentas para a elaboração de fronteiras sociais que orientam a dinâmica das interações entre estes grupos, pautadas por diferenças e similitudes, mas, sobretudo, por relações de interdependência. Para tanto, a pesquisa selecionou cinco famílias, moradores do distrito de Barão Geraldo - Campinas, SP - há pelo menos três gerações. A partir da leitura visual procurou-se compreender como os registros fotográficos - aqui entendidos como um sociograma - revelam uma determinada maneira de apreender o mundo, de produzir e reproduzir ações e pensamentos diante da vida e de outros sujeitos sociais. Foi possível concluir que (i) os diferentes usos sociais e significados dados à fotografia em cada família são reveladores dos papéis e posições sociais que elas ocupam, bem como dos laços sociais que estabelecem e que (ii) o surgimento da câmera digital e a superprodução de imagens e a sua distribuição em sites de relacionamento contribuiu para que estas famílias passassem por uma reelaboração da sua « auto-imagem », apontando para uma nova maneira de se relacionar com o mundo.

## Decupar olhares

Bourdieu diz que o mundo em que vivemos não é evidente - apesar de parecer - mas é o resultado momentâneo de lutas simbólicas entre os agentes sociais que disputam a capacidade de impor legitimamente a sua visão de mundo. No entanto, o processo pelo qual os agentes constroem sua visão de mundo está sujeito a coações estruturais, ou seja, depende dos recursos simbólicos e econômicos acumulados ao longo do tempo por seu grupo social.

Elias (1994) entende, como Bourdieu, que cada indivíduo carrega consigo "a marca de uma sociedade específica e de uma classe específica" pela maneira que pensa, percebe e se apresenta no mundo, ou seja, pela construção que faz da sua "auto-imagem". Analisar como se dá este processo histórico de elaboração da "visão de si mesmo" e da "visão do outro" é para Elias (2000) a chave para compreender uma sociedade.

Sendo assim a fotografia aparece como uma ferramenta que traduz visualmente as concepções que um determinado grupo tem de si mesmo e do mundo. Trata-se, de entender a fotografia como um ritual de integração social, tomando-a como fragmentos de mundo, testemunho do poder inexorável do tempo, mas acima de tudo uma maneira de ver e de pensar (SONTAG, 1981). Construir um álbum de fotografias supõe selecionar o que efetivamente deseja que seja lembrado.

Mas o que ocorre quando estes processos sofrem uma ruptura? Que tipo de imagem se produz quando todos os momentos são elevados a categoria de "momentos fotográficos"? Nunca o mundo produziu tantas imagens de "si próprio". A fotografia digital surge como uma tecnologia que pretende ampliar o presente, torná-lo passível de ser lembrado nos seus mínimos espaços de tempo. No entanto, como efeito reverso, o presente parece cada vez mais exíguo e o tempo parece cada vez mais acelerado. Como se configura a fotografia de família, os álbuns de retrato, num momento em que se produz uma foto tão rápido quanto ela é vista e "deletada"?

Enquanto Bourdieu (1965) via na fotografia uma prática carregada de funções sociais que tinha por intuito tornar solenes os momentos vividos, pelo menos para alguns grupos sociais, as transformações nos usos da fotografia parecem indicar que hoje todo momento passou a ser solene, tudo deve ser registrado, tudo deve ser compartilhado.

## Percorrendo álbuns

O trabalho de campo permitiu perceber os diferentes usos sociais e significados que cada grupo estudado atribui a prática fotográfica e a seu repertório imagético. Percebe-se que as famílias não se utilizam das fotografias da mesma forma e que estas apresentam funções distintas sendo reveladoras das relações e papéis sociais que estes grupos constroem.

No caso da família da **D. Maria** as imagens fotográficas são aleatórias e não organizadas, não é possível descrever um critério de seleção dos momentos fotografados. Elas ocupam a principal função de registrar momentos solenes, mas também é possível observar algumas poucas imagens da vida cotidiana.

As imagens da família do **S. Osvaldo** são, quase na sua totalidade, produzidas no interior da fazenda Rio das Pedras. A centralidade da vida no campo não está apenas na casa, na maneira de falar e se vestir, mas também nas imagens que a máquina fotográfica flagra. Nessa perspectiva nota-se uma fronteira espacial claramente contruída entre aqueles colonos que compartilham uma história de vida, habitus e laços sociais e "os de fora" da fazenda.

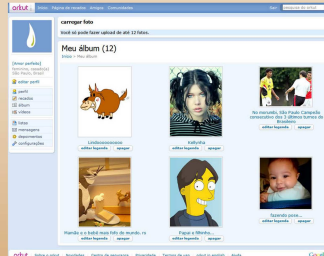
O lugar ocupado pela fotografia na família do **S. Nuto** é extremamente contido, discreto e selecionado, assemelhando-se ao que seria considerado um santuário. Elas ficam postas junto a troféus, certificados e reportagens emolduradas de jornal.

## Conclusões

A fotografia de família se revelou um instrumento para percepção das diferentes elaborações de visão de mundo em cada uma dos grupos estudados, uma ferramenta que torna visível a história de cada família e as fronteiras sociais e simbólicas existente entre elas.

No entanto foi importante considerar as fotografias aliadas aos relatos orais de modo que a análise não se focou na primeira ou na segunda, mas na relação que elas estabelecem.

Desta forma, a partir dos dados expostos, pode-se estabelecer os seguintes resultados: (i) o distrito de Barão Geraldo apresenta grupos sociais diversos que não necessariamente estabelecem laços sociais entre si, mas pequenas relações (de interdependência) onde se observa a construção de fronteiras materiais e simbólicas; (ii) as fotos de família são reveladoras desta relações sociais e junto com os relatos orais elaboram a "auto-imagem" de cada família; (iii) foi possível observar uma ruptura na construção da "auto-imagem" destes grupos na terceira geração, principalmente com o uso da máquina digital, que acompanha toda uma reelaboração da maneira de se relacionar com o mundo, uma nova concepção de educação, trabalho e família.



A ausência de fotografias na família da **D. Lú** apresenta-se como uma escolha legítima. Não se trata apenas da relação que este grupo estabelece com a fotografia, mas com todas as esferas da sua vida social, que aponta para um certo desapego material, onde ela procura recriar (e resignificar) os objetos e o mundo à sua volta, recusando a cópia ou a reprodução.

Diferentemente, na família da **D. Nizete** se observa uma supervalorização da fotografia que se encontram exibidas na maioria dos cômodos da casa, nos mais diversos objetos. As imagens tratam tanto de cerimônias sociais quanto da vida

## Bibliografia

- BOURDIEU, Pierre (1965). Un art moyen: essai sur les usages sociaux de la photographie. Deuxième édition. Paris : Minuit.
- \_\_\_\_\_. (2000). O poder simbólico. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil.
- ELIAS, Norbert (1994). Sociedade dos Indivíduos. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor.
- ELIAS, Norbert & Scotson, John (2000). Os estabelecidos e os outsiders. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor.
- KOSSOY, Boris (2001). Fotografia & História. São Paulo: Editora SONTAG, Susan (1981). Sobre a Fotografia. Rio de Janeiro: Editora Arbor Ltda.